

# **Etnografia e Temporalidade: por uma “etnografia da etnografia” no mundo urbano contemporâneo**

Autora: Micheline Ramos de Oliveira

PPGAS/UFSC/BR

## **Resumo**

Essa discussão será desenvolvida, por meio de uma reflexão crítica acerca de experiências etnográficas, analisadas a partir de fragmentos retirados de meus diários de campo escritos em função de minhas pesquisas realizadas entre os anos de 2000 e 2007 na Favela Matadouro, situada em Itajaí/SC/Brasil e no presídio feminino em Rio do Sul/SC/Brasil. Se “as formas de sociação orientam-se segundo constelações de imagens, seguindo-se determinados núcleos organizadores de sentido, cujos simbolismos todo antropólogo precisa compreender” (Durand, 1984), os fragmentos retirados de meus diários de campo poderão apontar para “um momento” do trabalho do etnógrafo, cujo empenho está em dominar as “motivações simbólicas de controle do tempo tanto por parte do outro, quanto de si, se considerado o tempo como um fenômeno granular e cumulativo, o qual não pode prescindir da narrativa para se consolidar” (Rocha, 2008, p.14). Aqui, o ato de “etnografar ...formas de agregação”, como por exemplo, a sociabilidade num boteco da Favela, “e seus arranjos”, podem representar “o desafio interpretativo do antropólogo de atuar numa “recolecção” de sentidos, com a intenção de interpretar...espaços de vida coletiva”, o que pode vir a se complexificar, quando exposto, a “fabulação tanto por parte do etnógrafo” “quanto por parte dos seus sujeitos de pesquisa” (Rocha, 2008, p.16). Posto que aqui, uma “etnografia da duração se afirma como um ato de produção de etnografias mediado pela fabulação, o que faz com que cada episódio banal evocado”(idem) pelos interlocutores, “em presença do etnógrafo”, e pelo etnógrafo na presença dos interlocutores, “se propague”, no registro documental do antropólogo, “como matéria viva das tradições” no mundo urbano contemporâneo.

**Palavras-Chaves: etnografia; temporalidade; mundo- urbano- contemporâneo.**

## 1- O onirismo intelectual do antropólogo ou uma perscrutação das feições fabulatórias dos jogos de memória no ato de etnografar...

Nesse artigo, pretendo problematizar uma questão muito cara a uma antropologia e, nesse caso, a uma antropologia das violências, apresentada aqui, como “o onirismo intelectual” do antropólogo, “ que permite a condição da integridade do conhecimento da duração como consolidação de estruturas espaço- temporais diversas”(Rocha, 2005, p.18).

Essa empresa, guiada por uma epistemologia bahelardiana, relida primorosamente, por (Eckert & Rocha, 2000; Rocha, 2005), a serviço de uma antropologia do mundo urbano contemporâneo, será desenvolvida, por meio de uma reflexão crítica acerca de minhas experiências etnográficas, analisadas a partir de fragmentos retirados de meus diários de campo de mestrado e doutorado, situações de feitura de imagens fotográficas descritas em meus cadernos de notas utilizados, principalmente em meus campos realizados na favela matadouro em Itajaí e no presídio feminino em Rio do Sul.

Isso porque, acredito, que os escritos retirados de meu material de campo a serem analisados ao longo do artigo, poderão “sensibilizar o antropólogo em seu trabalho de campo para a ação fabulatória dos jogos da memória de seus habitantes e de suas próprias, apostando tanto em sua capacidade de deformar quanto de (com)formar como elemento interpretativo de sua regularidade e durabilidade”(Rocha, 2008, p. 17 -18). Vejamos uma passagem retirada de meu diário de campo de mestrado:

“Hoje fui num boteco com o filho mais velho do casal da casa onde estou hospedada e com sua noiva, chegando lá resolvi fazer meu pedido de acordo com aquilo que eles estavam acostumados a comer no local, “x-salada com laranjinha” pelo preço de 1 real...Durante a degustação do nosso lanche, conversamos sobre suas vidas e sobre a intenção de casarem-se, embora nenhum dos dois tivesse ainda completado dezesseis anos...O som de fundo estava me irritando (pagode), foi quando não conseguindo mais disfarçar meu mal humor em função da música comecei a reclamar do volume da mesma...Nesse momento meus anfitriões demonstraram uma certa frustração em relação ao meu comportamento, foi então que me dei conta, que em cinco dias que estava morando no bairro, sempre, ou na maior parte das vezes, mesmo com algo me incomodando fazia questão de demonstrar o contrário diante de meus interlocutores...Tudo piorou quando um sujeito embriagado debruçou-se sobre a nossa mesa, chamando eu e minha interlocutora de gostosas... Cheia de indignação quase esqueci o que estava fazendo ali e muito brava pedi para que o fulano se retirasse...Mais uma vez meus interlocutores desolados começaram a me pedir desculpas pelo comportamento do vizinho...Fazendo questão de me dizer que ali era um lugar tranquilo e que

geralmente não acontecia quase nada... “Só” algumas brigas, na maioria das vezes por causa de mulher e futebol...E que “só uma vez” acabou em morte, quando um “amigo” esfaqueou o outro, que segundo eles, estava traindo o amigo saindo com sua mulher...Depois que o dono do boteco pediu para que o sujeito se retirasse de nossa mesa resolvemos voltar para casa...Assim que estávamos saindo do bar, tivemos que voltar, pois alguns estouros parecidos com tiros estavam vindo da direção do morro...Minhas pernas tremeram, foi aí que minha noite não poderia ter terminado pior. Meu interlocutor olhando-me seriamente me disse: *Pronto, não foi isso que tu viesses buscar aqui...ta aí ó...Tiro, violência, bagunça, é isso aí...mas não vai pensando que aqui todo mundo é bandido não...A gente teve foi azar de ter acontecido essas coisas bem essa noite que te trouxemos aqui...Pior que o bêbado em nossa mesa e que os tiros ouvidos ao longe advindos do morro, foi a sensação ruim de ver meus informantes tentando lutar contra algo maior do que eles, e o pior, naquele momento, por minha causa....*”(Itajaí, Favela Matadouro, 06 de julho de 2000)

Ora, se “as formas de sociação orientam-se segundo constelações de imagens, seguindo-se determinados núcleos organizadores de sentido, cujos simbolismos todo antropólogo precisa compreender” (Durand, 1984,p.18), esse fragmento retirado de meu diário, como todos os outros que estão por vir nesse artigo, simbolizam “um momento” do trabalho do etnógrafo, no caso, da etnógrafa, cujo, o empenho está em dominar as “motivações simbólicas de controle do tempo tanto por parte do outro, quanto de si, se considerado o tempo como um fenômeno granular e cumulativo, o qual não pode prescindir da narrativa para se consolidar”( Rocha, 2008,p.14).

Aqui, o ato de “etnografar tais formas de agregação”, como a sociabilidade num boteco do lugar, “e seus arranjos” representando “o desafio interpretativo do antropólogo de atuar numa “recolecção” de sentidos com a intenção de interpretar seus espaços de vida coletiva”p 18, ganha complexidade, quando exposto, a “fabulação tanto por parte do etnógrafo” - “Pior que o bêbado em nossa mesa e que os tiros ouvidos ao longe advindos do morro, foi a sensação ruim de ver meus informantes tentando lutar contra algo maior do que eles, e o pior, naquele momento, por minha causa....”, - “quanto por parte dos seus sujeitos de pesquisa” (Rocha, 2008,p.16),- *Pronto, não foi isso que tu viesses buscar aqui...ta aí ó...Tiro, violência, bagunça, é isso aí...mas não vai pensando que aqui todo mundo é bandido não...A gente teve foi azar de ter acontecido essas coisas bem essa noite que te trouxemos aqui..*

Posto que aqui, uma “etnografia da duração...se afirma como um ato de produção de etnografias mediado pela fabulação...o que faz com que cada episódio banal evocado” pelos interlocutores, “em presença do etnógrafo”, e pelo etnógrafo na presença dos interlocutores, “se propague”, no registro documental do antropólogo, “como matéria viva das tradições na cidade”(idem), como poderá ser apreciado nos próximos itens desse artigo.

## 1.2- A antropóloga e o Matadouro...

“Estou com muita raiva de mim...cometi um erro que poderia ter sido fatal para não continuidade de minhas entrevistas com Mirtes...Quando cheguei em sua casa, ela ainda não havia voltado do trabalho, apenas seu marido estava no local..foi quando tentando ser agradável comigo resolveu me servir um café, arrumou na xícara, colocou num pires e me ofereceu sem dúvidas de que eu iria aceitar, foi quando lembrando das coisas que Mirtes havia contado do marido na entrevista anterior, sem pensar, olhei com um ar de desprezo para o homem e disse que não queria o café...Ele disse que eu podia tomar, porque embora eles fossem pobres, *tudo ali era* limpinho...Quando eu ia tentar começar a me justificar, inconformado com a minha desfeita, o marido de minha informante, deixou a cozinha...Logo que a mulher chegou, sem olhar para minha direção, ele fez questão de ser rude com ela na minha frente, dizendo que não queria que ela se demorasse pois precisava passar uma roupa para ele pudesse ir a um compromisso mais tarde...Embora aparentemente a negação de um café possa ser algo sem importância, pelo menos hoje, atrapalhou minha entrevista...”( Itajaí, Favela Matadouro, 8 de julho de 2000).

No mesmo viés, recorto mais um trecho de meu diário:

“Não sei o que fazer em relação a esse incômodo enorme que sinto quando presencio o modo grosseiro e machista com que o marido de Mônica a trata na minha frente...É tanta humilhação...tenho vontade de pular no pescoço dele...especialmente hoje essa vontade se intensificou, quando ele debochou de Mônica por ela estar vestindo uma camiseta colorida que eu lhe dei de presente...Suas palavras: *Não tem vergonha não...tá pensando que ainda é uma guria...Velhusca...pau de vira tripa...vejo coisa...*Mônica tentou disfarçar, mas a alegria que trazia no rosto quando saiu do quarto exibindo sua roupa nova, logo virou decepção pelas palavras grosseiras e de reprovação de seu marido...”( ...Itajaí, Favela Matadouro, 25 de julho de 2000)

Numa primeira leitura, o que poderia ser discutido aqui, seria a problemática da assimetria sexual, nesse caso, nas ditas classes populares, tão bem documentada por, (Caldeira,2000;Gregori,1989;Fonseca,2000; Oliveira,2002), mas o foco está, nos conflitos entre as “motivações simbólicas” da etnógrafa “em sua experiência temporal nos territórios da vida urbana”, constituídas em parte, nesse caso, pela formação discursiva de uma

antropologia feminista e simétrica, e “os dispositivos simbólicos evocados” (Eckert & Rocha, 2008,p.13-14) pelos interlocutores ao longo da experiência etnográfica, nesse caso representados por Mirtes, Mônica e seus maridos.

Aqui, “com Paul Ricoeur (1994) reconhecemos que uma ação humana só pode ser narrada porque ela encontra-se, desde suas origens, articulada em signos, regras, normas; desde sempre “simbolicamente mediatizada” (Rocha, 2008, p.14), o que complexifica a tarefa do etnógrafo, no ato de etnografar, a medida em que necessita, compreender os simbolismos que estão relacionados, nesse caso, “as formas de sociação”( relação conjugal), segundo “constelações de imagens”(assimetria de gênero), seguindo “determinados núcleos organizadores de sentido”(Rocha, 2008, p.18), os quais inclui aqui, a estética da antropóloga, constituída em parte por sua formação discursiva advinda da Antropologia. Vamos a mais um fragmento retirado de meu diário de campo:

“Hoje durante o almoço, como em todas as outras refeições o diálogo embora tenha transitado entre o dia no trabalho, o preço dos alimentos, a escola das crianças, acabou se focando em tragédia e violência. Nas palavras de uma de minhas informantes ao saborear um suculento arroz com feijão com salsicha: *Fiquei sabendo pela Ana (vizinha) que ontem encontraram um homem perto do morro todo esfaqueado... e chegaram até ele porque ouviram os gemidos... Dizem que o homem tava em carne viva... não dava nem pra ver o rosto todo desfigurado... dizem que até as tripas tavam pra fora... que o sangue jorrava...* Nessa hora, enquanto todos (adultos e crianças) comiam tranquilamente enquanto a filha e irmã narrava o ocorrido, meu organismo foi mais forte do que eu e antes que eu conseguisse chegar até a privada presenteou-me com um súbito vômito que até agora não consegui explicar para meus informantes.. Para completar o filho mais novo do casal saiu com essa: *ficou com nojo do que a mana falou ou da comida??? Só podia ser mulher mesmo, eh.eh..eh.*” ( Itajaí, Favela Matadouro, 20 de julho de 2000).

Outro trecho:

“Hoje eu resolvi ir até o bar da Dna Maria sozinha, só teria que andar uns dois quilômetros para chegar até lá... Meus anfitriões me pediram para que eu não fosse, porque poderia ser perigoso, *uma mulher a noite andar pelas ruas da favela sozinha...* Como hoje seria dia de samba e poderia encontrar algumas de minhas informantes lá resolvi arriscar, já que ninguém da casa podia me acompanhar... Voltei correndo para casa antes de chegar no meio do caminho... Levei o maior susto e morri de medo quando senti um vulto atrás de mim... Quando olhei pra trás era um sujeito com a cara meio esquisita tentando me alcançar... Não lembro de tê-lo visto durante o dia pelas ruas... Corri, principalmente porque tenho ouvido muitas histórias de estupros

que ocorrem na comunidade...Essas horas eu queria ser um antropólogo...( Itajaí, Favela Matadouro, 13 de julho de 2000) “Hoje me senti satisfeita por ser mulher, e especialmente, por ser uma pesquisadora...pois acredito que por essa condição de gênero, tive acesso as intimidades de Mônica que um pesquisador jamais teria...Mônica me contou em tom de confissão, sobre suas experiências sexuais, que segundo ela, não havia comentado com mais ninguém desde sua adolescência...Chorando, ao narrar uma tentativa de estupro que sofrera na infância por um vizinho fitou-me com olhar de cumplicidade, o qual respondi sem pestanejar...o que parece ter sido fundamental para o denso material etnográfico advindo de suas narrativas...” ... ( Itajaí, Favela Matadouro, 9 de julho de 2000)

E, destaque ainda:

“Hoje me senti satisfeita por ser mulher, e especialmente, por ser uma pesquisadora...pois acredito que por essa condição de gênero, tive acesso as intimidades de Mônica que um pesquisador jamais teria...Mônica me contou em tom de confissão, sobre suas experiências sexuais, que segundo ela, não havia comentado com mais ninguém desde sua adolescência...Chorando, ao narrar uma tentativa de estupro que sofrera na infância por um vizinho fitou-me com olhar de cumplicidade, o qual respondi sem pestanejar...o que parece ter sido fundamental para o denso material etnográfico advindo de suas narrativas...” ... ( Itajaí, Favela Matadouro, 9 de julho de 2000)

Poderia dizer, que esses três trechos retirados de meu diário de campo, colocam na ordem do dia, experiências vividas em campo pela própria antropóloga em relação a essa questão (gênero), situando-a num “corpo coletivo”, que “atinge sua perpetuidade como substância em meio às discontinuidades de instantes por ele vivido” (Rocha,2008, p.19) na urdidura de uma vida cidadina contemporânea. Aspecto importante, a meu ver, numa jornada interessada em desvendar os interstícios da “configuração, situada na experiência temporal da tessitura da narrativa etnográfica”(nota de rodapé)(Rocha, 2008,p.13). Nesse sentido, seleciono mais dois fragmentos retirados de meu diário de campo de mestrado:

“Essa noite foi infernal, não consegui dormir, primeiro pelo frio brutal desse inverno, sentido muito mais aqui nessa casa cheia de frestas e buracos por todos os cantos...mas o pior foi a correria perto do presídio...Fiquei com medo, aliás muito medo que alguém tivesse fugido...pois lembrei das histórias de meus informantes sobre os vários moradores que já viraram reféns de bandidos que fugiram da cadeia....Mas o que mais me assusta nesse momento...é a espontaneidade com que usei a categoria bandido para denominar os presidiários que por ventura fogem da prisão...estou pasma comigo mesma..” ... ( Itajaí, Favela Matadouro, 20 de julho de 2000)

Ainda:

“Hoje por várias vezes interrompi minha entrevista com Marcela porque ela não conseguia parar de chorar...Para mim também foi impossível conter as lágrimas diante de sua narrativa sobre o dia fatídico quando ficou sabendo que é HIV+...Foi horrível quando olhei a minha volta e vi aquela humilde casa de um só cômodo, com um fogão velho, sem geladeira, colchões no chão, panelas e louças velhas, muita sujeira... uma mulher raquítica falando-me de seu estado de deploração e crianças sujas e com secreções escorrendo pelo nariz pedindo a sua volta e pedindo a sua atenção...Não me contive, também desabei e chorei...”( Itajaí, Favela Matadouro, 13 de julho de 2000)

Essas passagens de meu diário, são reveladoras de que uma etnografia da etnografia, passa a ser importante, quando consideramos que “a forma de uma duração (a qual por sua vez se expressa num pensamento que reflete sobre si mesmo)...é conhecimento, ao mesmo tempo, de si e do mundo (Bachelard, 1993)”(Rocha, 2008,p.18). Como poderá ser observado no próximo item, em que exponho trechos retirados de meu diário de campo de doutorado.

### 1.3- A antropóloga e o cárcere...

“Como era de costume, hoje ao visitar o presídio feminino, levei bolo, chocolates e biscoitos para dividir um café da tarde com as detentas...A agente prisional que estava de plantão não me conhecia e na hora da revista obrigatória antes de minha entrada no presídio, fez questão de amassar com muito força e raiva com as mãos o bolo que eu estava levando para averiguar se havia algum objeto escondido nele, estranhei sua atitude grosseira, pois das outras vezes os agentes não fizeram isso, pois o bolo como de costume, por precaução já estava totalmente fatiado...O mesmo aconteceu com a barra de chocolate que foi completamente picada e esmagada antes que eu a levasse a seu destino...Essa atitude da agente me enfureceu, mas eu não consegui fazer nada...Assisti ao abuso boquiaberto e envergonhada adentrei no recinto por ter que apresentar aqueles “kitutes” as prisioneiras... (Rio do Sul, 11 de novembro de 2006).”

Essa passagem de meu diário torna-se emblemática das experiências de constrangimentos que vivenciei em minha experiência de campo no presídio feminino, e de

minha dificuldade de lidar com o abuso de poder circunscrito em uma instituição penal. Ora, ali, embora eu tivesse uma autorização advinda de uma instância superior da carcereira, ela fez questão de exibir o seu poder tentando privar as detentas do “privilégio” de receber presentes, aqui em forma de comida, a princípio não permitidos naquele espaço e tempo.

Nesse ensejo, devo admitir, que o incômodo maior da vivência daquela experiência, está relacionado a disciplina e ao *poder*, que naquele contexto torna-se evidente em cada gesto e em cada atitude tomada por aqueles que lá estão. Nesse sentido, vale a pena dialogar com (Wolf, 2003, p.325), já que para o autor:

O próprio termo (poder) deixa muitos de nós incomodados. Trata-se certamente de uma das palavras mais carregadas de sentido e polimorfas de nosso repertório. As línguas românicas, germânicas e eslavas, pelo menos, combinam uma multidão de significados ao falar de *pouvoir* ou *potere*, *Macht* ou *mogushchestvo*. Essas palavras permitem que falemos sobre o poder como se ele significasse a mesma coisa para todos nós. Ao mesmo tempo, falamos frequentemente de poder como se todos os fenômenos que o envolvem fossem de alguma forma redutíveis a um centro comum, a alguma essência interna. Isso traz à mente imagens monstruosas de poder, o *Leviatã* de Hobbes ou o *Minotauro* de Bertrand de Jouvenel, mas nos afasta de especificar os diferentes tipos de poder implicados em tipos diversos de relações.

O tipo de poder que estava em jogo naquele contexto estava relacionado ao “poder de governar as consciências”, o que só veio a intensificar o meu constrangimento, que adveio do fato do ato de violência da carcereira me remeter a idéia de que as disciplinas “tem o papel preciso de introduzir assimetrias insuperáveis e de excluir reciprocidades”(Foucault, 1991,p.195), e de que, naquele local, um simples bolo esmigalhado e chocolates despedaçados, podem ganhar uma proporção especial no que diz respeito a indução nas detentas de um “estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (idem, p.177).

Nesse sentido, antes de expor outro trecho retirado de meu diário, que traz em seu cerne essa mesma questão, continuo com (Wolf, 2003), por suas reflexões contribuir para ratificar a importância da problematização da categoria poder em nossos estudos. Diz o autor:

Alguns disseram que essas questões têm pouca relevância para a antropologia, pois não têm muito a dizer sobre “gente real fazendo coisas reais”...Mas me parece que elas tocam em muita coisa que acontece no mundo real, que limita, inibe ou incentiva o que as pessoas fazem ou não podem fazer dentro dos cenários que estudamos...A noção de poder...é útil precisamente porque nos possibilita delinear como as forças do mundo influenciam os povos que estudamos...Não há vantagem num falso romantismo que pretende que “gente real fazendo coisas reais” habita em universos fechados e auto-suficientes.(Wolf,2003,p.327).

Vamos, a mais duas passagens retiradas de meu diário de campo:



Quando adentrei no presídio ouvi um barulho estranho até que percebi que Rita não parava de bater sua cabeça na parede...Cheguei perto dela e tentei contê-la quando levei um susto e vi que pela força que fazia seus sua cabeça já estava sangrando...depois de algum esforço de conversa (a Micheline psicóloga foi importante aqui) Rita parou e deixou que eu fizesse um curativo enquanto começou a murmurar algumas palavras tentando explicar que havia matado sua mãe a facadas por que ela era muito má...Desolação e falta de ar foi o que senti naquele momento naquele cubículo minúsculo, diante de uma criatura frágil e desesperada considerada uma “assassina” pela justiça...( Rio do Sul, 11 de novembro de 2006)

Ou,

“Ana, recebeu uma autorização judicial para ir até um internato municipal visitar seus três filhos que lá se encontram em função de sua prisão, mas ao contrário do previsto não chegara no presídio no horário pré-estabelecido. E foi no findar da tarde que fui surpreendida por um telefonema aflito de Roberta avisando-me que estava a caminho do único hospital existente em Rio do Sul levando Ana para ser socorrida já que essa fora encontrada, em função de um aviso de terceiros, pela própria Roberta e por sua companheira de pesquisa trancada em sua casa coberta por sangue em consequência de um profundo corte em seu pulso direito. Enfim, o atraso de Ana estava sendo desvendado, mas consigo trazia vários questionamentos, e o primeiro deles era o de como ela fora parar em sua “casa”, mesmo sabendo os riscos que corria em relação a justiça se desobedecesse às ordens expressas de fazer o itinerário presídio-internato e internato-presídio no tempo pré-estabelecido. Quando cheguei ao hospital no espaço destinado ao pronto socorro me identifiquei na portaria como pesquisadora e logo deram-me acesso a um grande corredor repleto de portas dos dois lados onde depois de algumas informações desencontradas consegui finalmente encontrar a sala em que Ana estava. Minha primeira visão foi desoladora, quando vi aquela mulher descabelada, com as roupas meio molhadas, sujas de barro, estendida numa maca fui invadida por um turbilhão de sentimentos como pena, horror e desilusão, esse último em função de meu acompanhamento de sua história de vida, que era de alguém que a princípio estava conseguindo transcender uma trajetória marcada fortemente por eventos violentos e trilhar um caminho nas “ordens do melhor”, parafraseando Ricoeur.” (8 de dezembro de 2006).

Durante alguns meses depois desse campo de doutorado no presídio feminino, tive grandes dificuldades para retomar as experiências que vivenciei em campo, e esses dois fragmentos de meu diário, são emblemáticos das situações complicadas por quais passei naquele contexto. Quase dois anos se passaram, e ainda hoje, encontro certa dificuldade em

relatar aqueles difíceis momentos vivenciados em campo. Um comentário de Lévi-Staruss sobre uma experiência vivida no Hospital Saint-Anne quando ele era aluno de filosofia de Georges Dumas, na época do Tratado de Psicologia, pode ser interessante:

Nenhum contato com os índios selvagens intimidou-me mais do que aquela manhã passada com uma velha senhora enrolada em suéteres, que se comparava com um arenque podre no meio de um bloco de gelo: intacta na aparência, mas ameaçada de se desagregar mal o invólucro protetor derretesse.(Lévi-Strauss, 2004, p.17)

Mais outros dois fragmentos retirados de meu diário podem ser importantes:

“Hoje não fiz campo...mas tenho que escrever, pois não consigo tirar da cabeça a imagem das presidiárias de Rio do Sul, antes de ontem falando-me da tristeza que é passar a noite de natal no presídio...A saudade de seus filhos, de seus amigos, parentes, segundo elas parece aflorar nessas ocasiões...A sensação quando saí do presídio nesse dia foi diferente dos outros, elas me desejaram feliz natal e boas festas e confesso que me senti uma idiota quando retribui a gentileza...Me senti muito mal tendo que ir embora e deixá-las para traz lá presas, naquele estado, naquela precariedade...Como elas estarão agora? O que estão fazendo, comendo, bebendo...”(Florianópolis, casa da minha avó, 24 de dezembro de 2007).

Ou,

“Fiquei indignada comigo mesma por hoje ter sentido um pouco de nojo de tomar café frio em um dos copos plásticos cedidos por uma detenta...não pude evitar...o plástico parecia sujo, o café estava horrível...mas bebi sem pestanejar...Tudo piorou quando vi um rato correndo pelo pátio externo do presídio em direção a área da “cozinha”...Confesso que sinto-me um pouco cansada, e o que é pior, culpada de me sentir cansada, de ouvir tantas histórias de horror num cenário tão degradante e deprimente...e não poder fazer nada” ...(Florianópolis, casa da minha avó, 15 de fevereiro de 2007).

O meu mal estar diante do contexto estudado, se intensifica e complexifica aqui, a medida em que os atos da intelectual de classe média intelectualizada e psicologizada diante do campo é posta em evidência. Aqui a idéia de *falta* articulada a imputabilidade discutida por (Ricoeur,2007), pode ceder uma pista crucial para uma compreensão crítica e reflexiva diante dos percalços desse campo, no que diz respeito, além do “mal estar” da pesquisadora diante

da realidade estudada, de sua conduta afetada por esse “mal” diante de tal contexto. Para o autor:

A imputabilidade é essa capacidade, essa aptidão, em virtude da qual ações podem ser levadas à conta de alguém. Essa metáfora da conta constitui um excelente esquema para o conceito de imputabilidade, que encontra outra expressão apropriada na sintaxe comum às mesmas línguas do verbo modal “poder”: posso falar, agir, narrar, levar meus atos à minha conta – eles podem ser a mim imputados. Nesse sentido, a imputabilidade constitui uma dimensão integrante do que chamo de homem capaz. É na região da imputabilidade que a falta, a culpabilidade, deve ser buscada. Essa região é a da articulação entre o ato e o agente, entre o “quê” e o “quem” da potência de agir – da *agency*. E é essa articulação que, na experiência da falta, é de algum modo afetada, ferida por uma afecção penosa. (Ricoeur, 2007, 467-468).

Enfim, aqui, mais uma vez, a questão do poder vem a tona, agora com uma roupagem que aponta para a noção de agência, nesse caso da antropóloga, que se vê limitada pelo ínfimo campo de possibilidades de ação dentro do contexto estudado e ao mesmo tempo, sente-se responsável, em parte pela manutenção desse limite, a medida em que acredita que a “antropologia é inevitavelmente política”, e que a formação discursiva advinda dessa antropologia, por meio dos jogos da memória, acena para uma “visão do que somos, do que nossa sociedade é e do que pode vir a ser: os limites de formas possíveis de organização social...do que está e o que não está ao nosso alcance”(Gellner,1997, p.7).

#### Bibliografia:

Bachelard, G. A dialética da duração. São Paulo: Editora Ática, 1993.

Caldeira, Teresa.. São Paulo: Brasiliense, .

Durand, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. O tempo e a cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 15 f. (Iluminuras; n.4).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. A memória como espaço fantástico. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. 16 f. (Iluminuras; n.2).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários urbanos e suas formas de sociabilidade.

Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS,2000. 20f. (Iluminuras; n.15).

Eckert, C. e Rocha, A. L. C. da. Jogos de Memória. Porto Alegre: banco de imagens e efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. (Iluminuras; n.12).

Fonseca, Cláudia Lee W. Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

Foucault, Michel. A arqueologia do saber. Petrópolis, Vozes, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1972.

Gregori, Maria Filomena- Cenas e queixas: mulheres e Relações Violentas. In: Novos Estudos CEBRAP, n. 23, p. 163/175, março de 1989.

Oliveira, Micheline Ramos. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come- Estudo antropológico de trajetórias sociais e itinerários urbanos sob o prisma da cultura do medo entre mulheres/mães moradoras do Bairro “Matadouro”, Itajaí/SC. Dissertação de mestrado, defendida pelo PPGAS/UFSC, 2002.

Ricoeur, P. “Magazine littéraire”. Paris, n.390, septembre, 2000, 32 f.

Wolf, Eric; (org)Feldman-Bianco; Lins Ribeiro, Gustavo. Antropologia e Poder. Brasília: Editora UNB; São Paulo: Editora Unicamp, 2003.